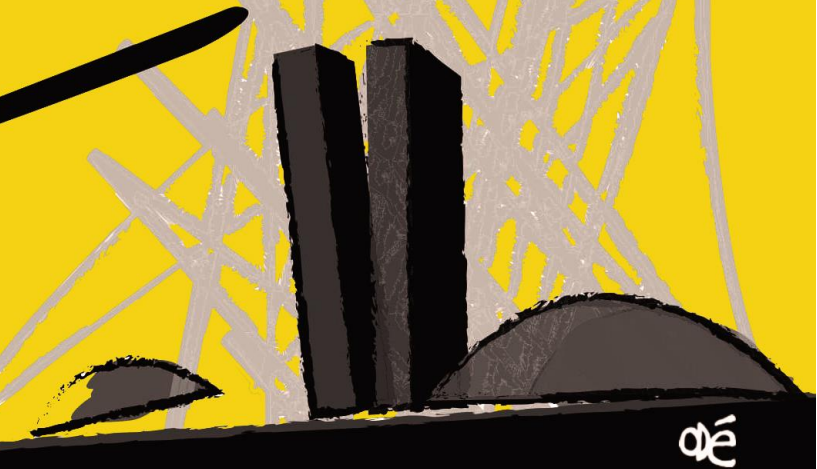


uarlen becker

um plano para matar michel



UM PLANO PARA MATAR MICHEL

TEXTO PARA TEATRO

UARLEN BECKER

1ª EDICAO



Copyright © 2018 by Uarlen Becker

Capa Adilson Passos

Projeto gráfico e edição Uarlen Becker

Para o Selo Odé

Revisão: Ana Paula Carneiro

2018

Todos os direitos reservados

www.uarlenbecker.com.br

becker.uarlen@gmail.com

*Aos que lutam por equidade,
justiça social, reparação
e direitos humanos
no país de grandes batalhas
que é o Brasil.*

PERSONAGENS

Professor de Português

Professor de Arte

Professora de Religião

UM PLANO PARA MATAR MICHEL

1

O canto do pregoeiro, que com sua harmonia traz alegria in South American Way.

Uma sala de estar. O professor de português arruma uma pequena mesa ao som de South American Way na interpretação de Carmen Miranda. Toca a campainha. É a professora de religião, que entra e dança e canta com o colega. Em seguida chega o professor de arte. Está visivelmente irritado. Dialogam, mas não se ouve o que dizem. O professor de português desliga o som.

Arte – Ah, que barulho! A gente nem consegue se ouvir! Não sei como seus

vizinhos aguentam... Carmen Miranda todos os dias! Eu daria uma queixa!

Religião – Ih, que besteira, é uma delícia dançar com Carmen.

Português – Se ela estivesse viva e me quisesse, eu casaria com ela! Amo essa mulher!

Religião – Está de mau humor é?

Arte – É! Estou! Dia hoje foi cheio, ainda por cima peguei maior engarrafamento vindo pra cá!

Português (Abusando da ironia) – Engarrafamento em Salvador?

Religião (Alfinetando) – Você é sempre premiado! Eu nunca pego engarrafamento!

Arte – Exatamente! Fui premiado! Pior que não vi nenhum motivo: nem

acidente, nem passeata, nem protesto
de vagabundos, nada!

Religião – Quem milita não é
vagabundo!

Arte – Posso pegar um pouco de
água?

Português – Claro, a casa é sua!

Arte – Vou querer um gole de vinho
também!

Português – O quê? Não acredito.

Religião – Sua religião permite?

Arte – Não, mas vou pecar um
pouco. Ninguém é de ferro!

*Professor de português serve o vinho, eles
brindam.*

Português – Aos bons tempos!

Religião – Pela justiça!

Arte (Se sentando) – Como foi o dia de vocês? O meu foi cheio, aqueles adolescentes são uns demônios, dá vontade de envenenar todos eles!

Religião – O meu foi tranquilo. O de sempre. Engolindo aquelas pessoinhas arrogantes.

Português – Eu apliquei uma avaliação nas três turmas. Depois mandei que entrevistassem um grupo de teatro da cidade. (*Irônico, sorrindo junto com o professor de arte*) Pra ver onde vivem, o que comem, onde se reproduzem.

Religião – Ai, que horror, os artistas são batalhadores! Ainda mais teatro, que ninguém quer ver. Com essa mania de ficar em casa vendo TV e seriados de internet...

Arte – Mas o que tem de bom em teatro? Imoralidade, homossexualismo, drogas...

Português – Ih, quanta besteira.

Religião – Ah, quanto preconceito, você às vezes parece um desses malucos fascistas que tem aos montes por aí. Muito me admira!

Arte – Eu não! Só falo o que penso! Nada contra a arte teatral. Semana passada assisti a *Paixão de Cristo* lá na igreja. Foi encenado pelo grupo de teatro Ministério da Louvação. Até que foi bom.

Português – Ah, e os atores não eram drogados, homossexuais e imorais?

Religião – Viu a Paixão de Cristo, né... Por falar em tortura, prisão e assassinato de um inocente, vocês viram o noticiário?

Português – Vi por alto. Sobre a vereadora que foi assassinada, né?

Arte – Eu li alguma coisa na internet. Ela não estava envolvida com tráfico de drogas, com o PCC?

Religião – Ai, que absurdo, nada a ver, ela era defensora dos direitos humanos.

Português – Assunto polêmico! Prefiro nem me envolver.

Arte – Defensora de bandidos. Defende os direitos humanos, mas é contra os humanos direitos.

Religião – Quanta pobreza nessa fala... Que discurso vazio... Não sei o que você ensina em sala de aula. Que tipo de arte você ensina?

Arte – Repasso o cronograma, nossa função é essa, manter os alunos ocupados! Esse mês o assunto é a arte barroca europeia. Não entendo a sua surpresa. Um estardalhaço todo

porque uma vereadora esquerdista morreu.

Religião – Foi assassinada!

Arte – Tantos morrem todos os dias, tantos policiais, tantas pessoas de bem, tantos pais de família e ninguém diz nada.

Religião – Claro que diz. Inclusive ela lutava exatamente contra isso! Contra esse estado de injustiça social, de opressão em que vivemos, esse país que mata milhares, talvez milhões todos os anos em especial mulheres, pretos e pobres.

Arte – Ah, lá vem você com esse vitimismo. Esse discurso de pobre coitado. As pessoas precisam ir à luta, ao invés de reclamar e depender do governo pra tudo.

Português – Que conversa chata. A gente veio aqui pra descontrair.

Religião – Mas estamos descontraindo. Seria melhor se tivesse cerveja gelada. (*Vai até a geladeira, falando para o Professor de arte*) Você está invertendo o discurso: não é o povo que depende do governo, é o governo que depende do povo. Eles não são autoridades, nós é que somos! Eles trabalham para nós! Se há alguma distorção na sociedade, é o Estado que tem por obrigação resolver isso. E a nossa sociedade é totalmente distorcida, há muita injustiça em especial com a educação e concentração de riquezas!

(Professor de Arte se levanta, põe mais um pouco de vinho e vai a um canto)

Português – Com a educação eu já lavei as mãos... Ah, cansei. Entra governo, sai governo, ninguém

resolve nada e ainda joga a culpa em nós.

Religião – Boa parte da culpa é nossa. Somos os mestres da sala e não mudamos nada, sempre repetindo o mesmo discurso. Existe muito comodismo em nós professores, pelo menos na maioria.

Português – Eu cansei. Uma andorinha só não faz verão.

Religião – Mas pode fazer alguma diferença, pelo menos para um ou dois alunos. É o efeito da multiplicação. Não podemos desistir. Ainda mais agora, que o país vai de mal a pior. Vou te contar; que elite mesquinha a nossa. E ainda usa a classe média e a imprensa como fantoche.

Português – A imprensa eu não sei. Acho que está sabendo do jogo e tem interesses. (*Num tom mais baixo*) Eu

tenho uma vizinha jornalista. Trabalha pro maior jornal em circulação aqui em Salvador. Ela disse que ouve cada coisa, que é cada podridão, que deixaria qualquer assassino em série no chulé! O nível de manipulação da informação é impressionante!

Religião – E o povo acredita, afinal e contas não tem outra opinião, é sempre a mesma, como se fosse a única verdade em todos os veículos! É o caso da vereadora assassinada no Rio de Janeiro. Eles invertem a situação a favor deles!

Arte (Pegando alguns papéis numa mesinha) – Vem cá, você anda trazendo trabalho pra casa?

Português – Ah, são redações, eu esqueci dentro da pasta e acabei trazendo. Estava lendo algumas. São de morrer de rir! Mas não li todas.

Religião – Ah, eu corrijo tudo na sala dos professores. Evito levar pra casa.

Arte (Passando os olhos em algumas redações) – Olha o nível dos analfabetos funcionais...

2 - EMERGIR

O professor distribui os trabalhos entre os colegas; eles se divertem lendo alguns trechos das redações. Em um momento, o professor de arte para de rir e seu silêncio chama a atenção dos outros. O professor de português pede pra ler a redação que o colega tem em mãos. Aparenta surpresa, dá para a professora de religião, que lê, séria, depois dá uma gargalhada.

Religião – Adorei! Que criatividade! Viu que eu disse? Devemos perseverar, sempre tem uma andorinha para enfeitar o inverno das ideias!

Português – Eu também gostei.
Coesa, sem fugir do tema, ousada...

Religião – Parabéns! Dê nota dez!

Arte – Vocês dois perderam a noção de tudo! Devem estar de brincadeira comigo! Isso aqui é incitação ao crime! Onde já se viu um adolescente escrever uma redação onde traça um plano para assassinar o presidente da república e o professor dar nota dez?! Em que país estamos?

Religião – No Brasil! No Brasil! Em que país você vive?

Português – Ah, não vi nada demais aqui!

Arte – Claro, porque você vive incitando os alunos com doutrinações ideológicas, botando ideias subversivas e comunistas na cabeça dos meninos!

Português – Você está me caluniando! Nunca coloquei ideias na cabeça dos alunos, de onde você tirou isso?

Arte – Já passei na porta de algumas salas e ouvi trechos de suas aulas.

Português – Me desculpe, mas você é um atrasado, sua mente é do tamanho de uma azeitona!

Religião – A sala de aula deve ser um local onde se toma partido, lugar de debates acalorados. Essa é a função da educação, mostrar todos os lados, questionar! Não se educa com cabrestos!

Arte – Você fala tanto em questionar, mas nunca questionou o fato da escola mandar você ensinar religião sendo ateia!

Religião – Eu discuto a história das religiões, não uma religião em si,

porque não faz sentido. Não preciso acreditar num fantasma pra entender das religiões. E pra vocês é fácil falar, porque ensinam em escola pública. Eu não, eu dependo da escola, dos pais e dos alunos. Eles pagam, eles mandam. E como mandam!

Português – Eu realmente estou em dúvida sobre a nota, porque apesar do tema escolhido ser surpreendente, a escrita é perfeita.

Religião – Dê a nota máxima, precisamos incentivar nossos alunos. Alerta que você não concorda com o crime, apesar de a vítima na redação ser quem é, mas elogie a escrita, a ortografia do aluno, que está perfeita!

Arte – Sua obrigação enquanto professor, enquanto educador, é zerar essa prova, zerar a de todos, mandar o aluno para a diretoria, chamar seus pais para uma conversa, porque isso

aqui é semente do terrorismo. Esse menino não é um escurinho, sobrinho daquela senhora que vende mingau na frente do posto de saúde?

Português – Você está insinuando que o menino escreveu a redação só porque é negro? Rapaz você é racista! Isso é crime! Eu devia te denunciar!

Religião – Nada disso, nada de denunciar. Lembre que você responde a processo daquela faxineira do colégio.

Português – Ela me assediou! Como eu não quis nada ela inventou essa história!

Religião – Assediou? Sei...

Arte – Uma morena daquelas e ele não fez nada...

Português – o que você quer insinuar com isso?

*Olham-se, o professor de Arte fica em
silêncio e dá de ombros.*

Religião – Olha, sobre a redação... Se fossem seus filhos, se um deles tivesse escrito a redação, você não gostaria que eles tivessem o direito de se expressar livremente?

Português (Furioso) – Não coloque meus filhos nessa conversa!

Arte (Aparte) – Ela parece a Jezabel! Uma mulher repulsiva com expressões demoníacas! (Para a colega) Você gosta do crime. Vocês comunistas são assim, não tem sentimentos por nada nem por ninguém! Quer ver morto o presidente, um homem que com todos os defeitos luta pra botar o país nos trilhos. Você não tem pena de matar seu cachorro, quanto mais um ser humano!

Religião – Mas o que isso tem a ver? O cachorro tem uma doença grave, é idoso, está sofrendo muito, foram os veterinários que sugeriram a eutanásia como forma de poupar a dor do bicho.

Português – Se fosse sua mãe, você faria eutanásia ou iria com ela até o fim?

Religião – Não coloque a minha mãe nisso.

Arte – A eutanásia é um crime contra Deus

Religião – A fé é pessoal, pare de usar sua fé cega em todos os assuntos! Deus está cagando e andando pra nossas questões mesquinhas e tolas!

Português – Você não é atea?

Religião – Ah, vá pra porra! Olha aí o telefone...

Toca o telefone, ela vai ao banheiro atender.

Português – O menino é um bom aluno, cumpre com as tarefas, é negro, mas tem bom comportamento.

Arte – O mal age dessa forma. Ele é sorrateiro. Ele come pelas beiradas, chega suave, de mansinho, se infiltra aos poucos. Como diz na Bíblia: o diabo persiste em se transformar em anjo de luz para enganar os servos de Deus. O germe da maldade está crescendo nesse garoto. E sendo negro é ainda pior. Não sou eu que estou dizendo, ele é um amaldiçoado, segundo a Bíblia. O presidente é uma autoridade, merece respeito e confiança, ele preza pelos valores morais e da família!

Português – Como diz a Bíblia: para trás de mim, satanás! Eu vou avaliar a redação com mais calma antes de tomar uma decisão. Quer saber de

uma coisa? Eu também adoraria matar o presidente. Esse pequeno fantoche de uma elite desgraçada, escravocrata! Esse homem e seus comparsas acabaram com o pouco de educação que havia aqui! E sobre sua interpretação ridícula e velha de família: minha ex-esposa se separou de mim para morar com uma mulher, porque se apaixonaram e se amam! E nossos filhos moram com elas e formam uma família linda, perfeita, com amor e respeito. Muito melhor do que quando morávamos juntos!

Arte – Eis a prova de que você é comunista, um pervertido. Você tolera que suas filhas vivam em imoralidade. Por isso doutrina a cabeça dos meninos na escola!

Português – A obrigação do professor é dar voz, é ensinar a pensar, a questionar, não apenas ensinar a servir ao sistema!

Arte – Acho que você vive numa caverna. A sociedade está do jeito que está justamente porque não tem um pensamento formado, vive em anarquia! Não tem identidade, todos querem falar e ninguém quer ouvir! Ademais o homem não foi feito para governar a si próprio sem a ajuda de Deus!

*A professora de religião sai do banheiro
gritando ao telefone.*

Religião – Você é um miserável, prefere que o animal sofra, podendo acabar com a agonia dele.

Português – Fale baixo, por favor, olha a vizinhança, não seja histérica!

Arte – Não precisa agredir, ela é mulher, é um vaso mais fraco.

Português – Você só está defendendo ela pra ela passar pro seu lado.

Religião – Escute aqui eu tenho personalidade. Não sou sexo frágil! Não sou de ir atrás da opinião de ninguém! Eu acho que o aluno fez uma redação primorosa, com estilo, com ortografia correta, com coerência ao pensamento dele. Você deve dar dez a ele!

Arte – Isso é o oposto de educar, educar é ensinar moralidade, civismo, valores cristãos, respeito às instituições, temor a Deus.

*A professora de Religião o imita,
ridicularizando o colega. Sentam-se, ficam
em silêncio. Um tempo.*

Arte – Vocês dois perderam a noção! Não adianta brigar por nada disso, por ideal, por ideologia. Quando eu era jovem eu queria ser revolucionário, ser contra o sistema! Mas os revolucionários estão mortos, nossos heróis morreram, os

sindicatos, a “luta” não tem sentido continuar. Só tem um caminho: Jesus!

Religião – Ah, você queria ser um revolucionário? Sei! Eu queria ser manequim, mas minha barriga nunca ajudou. É de família. A “luta” também é de família! Pai, mãe, irmãos... Mesmo que a luta estivesse perdida, que não está, eu preferia estar ao lado dos vencidos. De cabeça erguida, não escondendo o rabo e destilando ódio por aí.

Português - Eu acho isso tudo bonito, a “luta”. Mas não adianta nada, perdi a fé faz muito tempo. Só quero me aposentar e quem sabe cantar em alguns bares, para amigos. Meu sonho era ser cantor de rock, mas a idade já não permite. Mas eu adoro boleros. Quem sabe...

Atrapalhado, sobe num banco e canta um bolero. O professor de Arte o interrompe dando uma gargalhada.

Arte – Que ridículo, todo desafinado imitando Nelson Gonçalves. Na sua idade é complicado...

O professor de português avança contra o colega tentando enforca-lo; a professora de religião tenta separar os dois, gritando palavras de ordem, atentando para a civilidade do trio.

Português – Eu devia te matar, seu desgraçado, você está em minha casa e ainda vem me ofender! (*Aos berros*) E aqui ninguém é civilizado! Somos todos monstros tentando controlar nossa monstruosidade! Deus não se importa! As religiões foram inventadas para ajudar a gente a aguentar a nossa imundície! Você está surpreso porque o garoto teve a coragem de dizer o que todo mundo quer dizer, mas tem medo porque são

covardes! Todos nós somos covardes e botamos a culpa em Deus! Inclusive você, seu desgraçado, você cristãos são perversos, são cheios de ódio e rancor e ficam com essa vozinha fingindo amor, mas semeiam ódio!

Arte – Essa é a prova de que você é um criminoso! Eu devia te denuncia à Secretaria de educação por incitação ao crime. Todos estariam ao meu lado e sua aposentadoria estaria comprometida. Mas não vou apontar o dedo pra ninguém, nem ser o portador da calamidade de ninguém.

Religião (Indignada com as palavras do colega) – Quer saber? Eu acho que o menino deveria ter incluído na redação a morte dele, da esposa e do filho. Pra acabar com a raça dessa gente. Derrubar suas propriedades e salgar, para que nada cresça, como a coroa portuguesa fez com os alfaiates na conspiração aqui em Salvador. É o

que eles merecem. Eles e tantos outros! É o que o governo faz com a população: acaba, extermina com a raça deles, salgam seus sonhos, sua possibilidade de futuro, por puro ódio de classe, porque odeiam os pobre e os negros! Esse é meu lado Jezabel, meu lado emotivo... Mas meu lado racional, de ser pensante, ao invés de apenas externar meu ódio irracional, é que ele deve dar dez ao aluno, incentivar o debate e fazer a turma refletir sobre o tema e a situação política desse país que virou uma república de bananas!

Arte (Olhando o relógio) – Quer saber? Eu vou embora, que não sou obrigado a ouvir isso.

Português (Provocando) – Não quer mais um pouco de vinho?

O professor de arte se ajeita, a professora de religião toma um gole de vinho. Seu telefone toca, ela atende, pede um momento, se despede com um aceno e sai. O professor de arte coloca um pouco de vinho numa taça. Para, observa, olha para o colega, coloca sobre a mesa e começa a sair.

Arte – Quero pedir um favor: não me convide mais para esses encontros. Obrigado.

O professor de arte sai. O professor de português se senta, pega a redação do aluno e uma caneta e começa a ler em silêncio. Levanta-se, pega uma taça de vinho, coloca para tocar “A rua do capelão”, na voz de Amália Rodrigues. Começa a ler em voz alta. A música cresce. Escurece aos poucos.

Português – “Um plano para matar Michel. O Palácio do Jaburu foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemayer em 1973. É a residência oficial do vice-presidente da república. O atual chefe do Executivo acorda por volta das...”

fim

FICHA TÉCNICA DA PRIMEIRA MONTAGEM

Texto, direção e iluminação: Uarlen Becker

Elenco:

Moisés Rocha: Professor de português

Sonale Fonseca: Professora de religião

Uarlen Becker: Professor de arte

Cenários e figurinos: o elenco

O projeto foi concebido a partir de questionamentos em conversas com o elenco e colegas artistas de outros estados brasileiros acerca das questões políticas e sociais vividas no Brasil a partir de 2016. Também utilizei para a construção do texto jogos de improvisação com temas e deixas discutidas entre os atores na Varanda Sapoti, sede do Grupusina de Teatro entre março e abril de 2018.

*Uarlen Becker nasceu em Salvador, Bahia
em 1976. É filho de barbeiro e cabeleireira;
é escritor e artista de teatro; possui 7 livros
publicados entre contos, poesia e textos para
teatro.*

Obra composta em Garamond e Code Demo Bold para o
Selo Odé

Salvador, Bahia, 2018